



NOS LIA
NCAO
1988

Este volume encerra grande parte das memórias apresen-
tadas no 19º Congresso Afro-brasileiro do Recife (1934).
A iniciativa coube ao grande sociólogo de *Casa-Grande
e Favela*, Gilberto Freyre, que congregou grandes nomes de
os nacionais e estrangeiros do problema do Negro.
abalhos de sociologia, de folclore, de antropologia,
cultural, de heredologia, de biotipologia, de psico-
logia, de história... sobre o Negro brasileiro, evidenciam a
importância deste volume e o interesse que vai despertar entre
os acadêmicos e o público, em geral.

Arthur Ramos

Vol. VII
Novos Estudos Afro-Brasileiros

Novos Estudos

Afro-Brasileiro



minC
Ministério da Cultura
Fundação Joaquim Nabuco



CONGRESSO AFRO-BRASILEIRO



PERNAMBUCO
ANNO DE 1934

* Adm original
do cartaz
Então - Postal
Desenhado
por Lúcio
Dias p/o
1º Congresso
Afro-Brasileiro
(Recife, 1934)

Série Abolição

- O Abolicionismo. Joaquim Nabuco
 - João Alfredo - O Estadista da Abolição. Manuel Correia de Andrade
 - Henrique Dias - Governador dos Crioulos, Negros e Mulatos do Brasil. José Antônio Gonsalves de Mello.
 - Agricultura Nacional. Estudos Econômicos. Propaganda Abolicionista. André Rebouças.
 - Minha meninice e outros ensaios. João Alfredo Corrêa de Oliveira
 - 7 - Estudos Afro-Brasileiros. (1º volume) e Novos Estudos Afro-Brasileiros (2º volume) - Edição fac-similar dos trabalhos apresentados no 1º Congresso Afro-Brasileiro no Recife, em 1934, sob a coordenação de Gilberto Freyre. Apresentação de José Antônio Gonsalves de Mello.
 - Campanha Abolicionista no Recife. Joaquim Nabuco.
 - A Escravidão. Joaquim Nabuco. 1988. 126 p.
 - A Abolição em Pernambuco. Organizado por Leonardo Dantas Silva
 - Alguns Documentos para a História da Escravidão. Organizado por Leonardo Dantas Silva.
 - O Abolicionista, edição fac-similar do jornal editado entre 1º de novembro de 1880 a 1º de dezembro de 1881.
 - A Imprensa e a Abolição. Organizado por Leonardo Dantas Silva - edição fac-similar dos principais jornais e revistas abolicionistas que circularam em Pernambuco, entre 1876 a 1891, além de outros números avulsos de interesse para o estudo do movimento abolicionista.
- Abolição: A Liberdade veio do Norte.
Fernando da Cruz Gouvêa
- Estudos sobre a Escravidão Negra.
Organizado por Leonardo Dantas Silva.
- O Negro Brasileiro. Arthur Ramos

Novos Estudos Afro-Brasileiros



CEM ANOS DA
ABOLIÇÃO
1888 - 1988

MinC - Ministério da Cultura
Governador José Sarney
Programa Nacional do Centenário
da Abolição da Escravatura

SÉRIE ABOLIÇÃO, 7

Presidente da República
JOSÉ SARNEY

Ministro da Cultura
CELSO FURTADO

Secretário Geral do MINC
JOAQUIM ITAPARY FILHO

Coordenador do Programa Nacional do Centenário da Abolição
CARLOS ALVES MOURA

Presidente da Fundação Joaquim Nabuco
FERNANDO DE MELLO FREYRE

Foi feito o depósito legal

Congresso Afro-Brasileiro (1.:1934: Recife)
Novos Estudos Afro-Brasileiros / prefácio de Arthur Ramos. — Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1988.
352 p. — (Abolição, Fundação Joaquim Nabuco; v. 7)
Fac-símile de: Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937
ISBN 85-7019-163-4

Trabalhos apresentados ao 1º Congresso Afro-Brasileiro realizado no Recife
Consta de 2 v. sendo este o v. 2. O v. 1 tem o título de *Estudos Afro-Brasileiros*, editado pela Arjel, em 1935

1. ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS. 2. BRASIL-NEGROS. I. Título. II. Freyre, Gilberto. III. Fundação Joaquim Nabuco. III. Série
CDU 39 (6:81)
39 (81 = 96)

NOVOS Estudos Afro-Brasileiros

Edição Fac-símile

Prefácio de Arthur Ramos

Trabalhos apresentados ao 1º Congresso Afro-Brasileiro
realizado no Recife, em 1934

Recife
Fundação Joaquim Nabuco
Editora Massangana
1988

Gilberto Freyre e outros

Novos Estudos Afro-brasileiro

(Segundo Tomo)

Trabalhos apresentados ao
1.º Congresso Afro-brasileiro do Recife.

PREFÁCIO DE
ARTHUR RAMOS

BIBLIOTHECA DE DIVULGAÇÃO SCIENTIFICA -
Dirigida pelo PROF. DR. ARTHUR RAMOS
CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, S. A. - Edi
RIO DE JANEIRO — 1937

ISBN 85-7019-163-4

Reservados todos os direitos desta edição

Reprodução proibida mesmo parcialmente sem autorização da Editora Massangana da Fundação Joaquim Nabuco

Fundação Joaquim Nabuco - Editora Massangana
Rua Dois Irmãos, 15 - Apipucos - Recife - PE
52.071

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Conselho Editorial

Fernando de Mello Freyre (Presidente)
Aluizio Bezerra Coutinho
Bráulio do Nascimento
Clóvis de Vasconcelos Cavalcanti
Frederico Perrambucano de Mello
Gilberto de Mello Kujawski
José Geraldo Nogueira Moutinho
Leonardo Dantas Silva
Luiz Antônio Barreto
Maria do Carmo Tavares de Miranda
Tânia Bacelar

Direção Executiva da Editora Massangana

Leonardo Dantas Silva - Diretor Geral
Maria da Conceição Luna Rodrigues - Gerente Administrativo
Silvio Bentzen Pessoa - Diretor de Editoração
Evaldo Donato - Diretor de Comercialização

Capa: *Rosângela Mesquita de Alencar*

Ilustração da capa:

Tela de Albert Eckhout, datada do Brasil 1641, doado pelo Conde João Maurício de Nassau ao Rei Frederico III, da Dinamarca, pertencente ao acervo do Museu Nacional de Copenhague (270 x 180 cm). Reprodução de Alcir Lacerda.

Folha de guarda: *Cartão postal desenhado por Cícero Dias para o 1º Congresso Afro-Brasileiro (Recife, 1934)*

NOVOS Estudos
Afro-brasileiros

INDICE

ARTUR RAMOS:	
Prefacio	1
RODRIGUES DE CARVALHO:	
Aspectos da influencia africana na formação social do Brasil	
Luís da CAMARA Cascudo:	
Notas sobre o catingó	1
CARLOS PONTES:	
Uma escrava original	1
EDISON CARNEIRO:	
Xangô.	1
VIVVA JULIANO MOREIRA:	
Juliano Moreira e o problema do negro e do mestiço no Brasil.	1
LEONITIO RIBEIRO, W. BERNARDINI E ISAAC BROWN:	
Estudo biotypologico de negros e mulatos brasileiros normaes e delinquentes	1
JOVELINO M. DE CAMARCO JR.:	
A Inglaterra e o trafico	1
JABAS PERNAMBUCANO:	
A maconha em Pernambuco.	1
NAIR DE ANDRADE:	
Musicalidade do escravo negro no Brasil	1

J. A. GONÇALVES DE MELLO Neto:	203
A situação do negro sob o domínio hollandez	
SAMUEL CAMPBELL:	224
Fizeram os negros theatro no Brasil?	
GILBERTO FREYRE:	245
Deformações de corpo dos negros fugidos	
JACQUES RAYMUNDO:	251
Ohum êniádúdu.	
ULYSSES PENNAMBUCANO E OUTROS:	259
Alguns dados anthropologicos da população de Recife	
JOSÉ AMARO:	264
«Bibliotheca do Povo» e «Collecção moderna»	
A. AUSTRÉSSIO:	327
A mesclagem no Brasil como factor eugenico	
BASTOS DE AVILA:	336
O negro em nosso meio escolar	
GILBERTO FREYRE:	350
O que foi o 1.º Congresso afro-brasileiro do Recife	



Nina Rodrigues,

e Mestre bahiano, precursor dos estudos sobre o problema do Negro no Brasil.

publicar

FIGERAM OS NEGROS THEATRO NO
BRASIL?

SAMUEL CAMPELLO

Os autos foram, por muito tempo, a unica forma de theatro popular. Foram mesmo a genese do theatro em Hespanha e Portugal. Frei Domingos Vieira, em seu *Thesouro da Lingua Portuguesa*, considera-os "a unica forma nacional da literatura dramatica portugueza correspondente aos *Misterios* e *Moralidades* francezas e inglesas do fim do seculo XV".

Eram representados no meio da rua, mudando frequentemente de logar, durante as festividades do Natal, Reis-e-Paschoa e procições de Corpus Christi e não dispençavam a musica e a dansa dentro de seus entrechos que versavam sobre assumptos hieraticos.

Gil Vicente — o mestre de rethorica de d. Manuel, o Venturoso — que foi o primeiro a fazel-os e represental-os em Portugal deu-lhes, pouco a pouco, outro estylo que não o religioso. Suas allusões e satyras ridicularizand-o typos e costumes são magnificos documentos para o estudo da sociedade portugueza de sua epoca.

Na Hespanha tiveram os autos cultores da estirpe de Lope da Vega, Cervantes e Calderon e assim como de lá se reflectiram nas colonias do Mexico e do Perú, os de Portugal vieram acolher-se à sombra das arvores virgens da selva brasileira.

Foi José de Anchieta o fundador do theatro no Brasil. O auto foi, tambem, a forma do seu theatro. Não o auto satyrico de Gil Vicente mas o auto verdadeiramente inspirado nos *Misterios* francezes dos fins da Idade Media. De assumpto religioso porque a idéa que predomi-

NOVOS ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

nava em Anchieta era a catechese do caboclo. Em 1570 na capitania de São Vicente, nas vespertas leu da festa de Jesus. Chamou-se *A Pregação* sal sendo como os primitivos autos armado na lado da igreja, com suas personagens symbolicas.

Pernambuco foi, em 1575, o terceiro ponto sil onde se começou a fazer theatro com os autos suitas ao tempo do governo de Jorge de Albuquerque representado *o Rico acurto* e *o Lazaro pobre*. Por intermedio dos autos de Anchieta e outras suitas contribuiram, pois, caboclos e portuguezes a formação do theatro no Brasil.

E os negros — a outra substancia que amalgama de nossa nacionalidade?

Esmagado pela falta de tempo, pobre de materialivo, julgado, talvez, mais phantasta do que ro, procurarei demonstrar que os negros tambem theatro no Brasil, dentro da mesma forma rudimentar.

Não sendo religiosos como os portuguezes tendo sentido a influencia da catechese dos jesuitas e dos negros fogem aos temas hieraticos e assim são — como os proprios *Misterios* da Idade Media — somente representados nas proximidades das festas dos Reis.

Ha quem tenha pensado em classificar os *Chegança* ou *Fandangos*, (nome pelo qual são conhecidos entre nós de Pernambuco) como introduzidos pelos negros no Brasil. E' verdade que nesses divites apenas temos visto a apresentação de pretos proprio assumpto nota-se que elles são franca origem luso-hespanhola.

Dividem-se em duas especies: a dos *Mouras* e a dos *Marrujos*. Naquelle é evidente a origem hespan-

Textos - Livros de Mouras

os seus combates entre mouros e christãos e nesses, cujo entreecho principal é a lenda da Nau Catarineta perdida em alto mar, bastam os seguintes versos para identificar a procedencia da peninsula iberica:

"Arriba, gageiro, arriba
meu gageirinho real,
vê se vês terras de Espanha,
areias de Portugal"

Nem como uma adaptação poderemos pois incluir as *Cheganças* ou *Fandango* entre os autos trazidos pelos negros ao Brasil.

E' possível, porém, citar com Guilherme T. P. de Mello na sua obra *A Musica no Brasil*, publicada na Bahia em 1909, as danças africanas dos *Quicumbres* e *Quilombos*, nos quaes os negros simulavam combates entre escravos foragidos e caboclos que os aprisionavam e vendiam, por fim, aos assistentes dos folguedos sendo o producto da venda empregado nas despesas da festa.

Essas danças que alludiam ao memoravel Quilombo dos Palmares, como nos diz o autor citado, dão-nos assim a idéa de uma prioridade sobre as antigas revistas de costumes nas quaes se traziam para o palco os acontecimentos da epocha.

Melhor, entretanto, como autos mais desenvolvidos e mais interessantes temos os das *Taieras* e dos *Congos*, por occasião das festas de São Benedicto e de Nossa Senhora do Rosario — santos padroeiros dos pretos — e, até, já houve quem por ironia, classificasse aquelle "inventado para fazer favor a negro".

Guilherme de Melo — na obra referida, pag. 49 — baseia-se em Sylvio Romero que descreve esse divertimento no Largato, em Sergipe, com as seguintes palavras:

"Os *Congos* são uns pretos vestidos de reis e cipes, armados de espadas, que fazem uma guarda de honra a tres rainhas pretas. As *Taieras* no centro acompanhando a procissão de São B de Nossa Senhora do Rosario e são protegida guarda de honra contra dois ou tres do grupo que por lhes tirar a corôa. Tem um premio aquelle segue tirar uma corôa o que é uma vergonha rainha".

Os da guarda cantam:

"Fogo da terra
fogo do mar
que a nossa rainha
nos ha de ajudar".

As *Taieras* são mulatas vestidas de brancas e de fita que vão na procissão dançando e cantando expressão especial e cor tóta local:

"Virgem do Rosario
Senhora do norte
Dá-me um côco dagua
Senão vou do pote.

Inderé, ré, ré
Ai Jesus de Nazaré

Meu São Benedicto
é santo de preto
Elle bebe guarapa
Elle ronca no peiti.

Inderé, ré, ré
Ai Jesus de Nazaré"

Mello Moraes Filho em *Festas e Tradições Populares*, de sua autoria, escrevendo também sobre a procissão de São Benedicto, no Lagarto, traça luminosa chronica acerca das *Taiervas* e dos *Congos* e cita alguns desses versos e o estribilho plangente de

*Inderé, ré ré,
Ai Jesus de Nazaré*

Conta o grande cultivador de nossos costumes de antanho que as evoluções dos *Congos* e das *Taiervas* duravam até as vespertas de Reis: "a villa em peso, pode-se dizer, participava do folgado; os senhores de engenho abalavam-se de leguas; o povaréu formigava nas estradas; negros escravos, dispensados do trabalho, festejavam o seu santo, descuidados, contentes, felizes.

Vinham os *Congos*. "E tres negras, phantasiadas de rainhas, arrastando compridos mantos, com suas cores douradas, caminhavam ladeadas de *congos* vestidos de branco e com enormes barretinas de linho, enlaçadas de fitas e recamadas de missangas".

Duas alas de negros batiam-se em duello a espada de ferro, disputando a corôa da negra que occupava o centro e a quem davam o pomposo nome de *Rainha Perpétua*.

Das *Taiervas*, Mello Moraes Filho chama "um grupe encantador e original de facelras e lindas mulatas, vestidas de saias brancas, de camisas finissimas e de elevado preço, deixando transparecer os seios morenos, ardentes e lascivos". De onde se vê que o illustre chronista era também um enamorado daquellas a quem alguém já chamou "a melhor invenção dos portuguezes".

Parecerá assim, á primeira vista, que *Taiervas* e *Congos* nada tinham de auto e que para encher o meu tra-

lho poderia também me referir á procissão do Divino aos Maracatus. Esses considero, porém, apenas um diao carnavalesco e aquella puramente um complementofesta religiosa. Para ser classificado como auto jfnecessario um enredo, o desenvolvimento de uma acetal e qual appareciam nos autos dos seculos XV e XVI, por isto, buscar melhor cabedal para justificar modesto trabalho, com pretensões a these em Luiznundo no seu brilhante estudo sobre *O Rio de Janeiro tempo dos Vice-Reis*.

Já não é a pequena villa do Lagarto, do pequeno gipe. E' a capital do Brasil-colônia. E' mais do isto: é a capital provisoria do reino de Portugal onde acham d. João VI e sua côrte que foram os reaes "debridores do Brasil por obra e graça do general Junot", gundo, mais ou menos em phrases semelhantes, nos vera a satyra cortante de Mendes Fradique, o homer *Historia do Brasil pelo methodo confuso*.

Luiz Edmundo, sim. Mostra-nos os *Congos* como elle chama: as *Congadas* — sendo um auto per com dansas, musica e enredo. Elle mesmo o appellido "drama coreographico".

Lembra a acção e o tempo: Rio de Janeiro, 181 Descreve os protagonistas, citando os nomes dos astros: Caetano Lopes dos Santos, "o rei" e Maria quina "a rainha"; ambos escravos, da nação Cab Elle "dentro do inferno de sua indumentaria, desapido sob um mundo de sedas e belbutes, todo sarapide placas metalicas e os pés enormes enfiados numapatarras de vacca. Ella de corôa, roupas de sedameninaque estupendo, armado de barbatanas e, sobreisso, o manto pesadissimo de belbute".

Refere-se ao scenario: o largo, em frente ao p do vice-rei, num throno de improviso, "está o Rei do

go. O *principal*, ao som da musica, agita o seu bordão enfeitado e, como os contra-regras que ainda hoje batem as indetectíveis pancadas de Moliere para dar inicio aos espectaculos, grita que vae comegar.

Conta a fabulação: O rei chocalha as estrelas e "as luas crescentes" dos versos de Ascenso Ferreira e canta:

"Sou rei do Congo
quero brinca;
cheguei agora
de Portugá."

E o côro:

"E' Sambangalá
chegado agora
de Portugá."

A rainha, como bôa comadre de revisita, baila tambem e uma vez repete termos do idioma africano:

"Quenquerê oia congo do má
gira calunga
mamú qui vem lá"

E o enredo se desenvolve, mudam-se as situações.

O *maneto*, filho do rei, molequinho de dez annos, paramentado à semelhança dos papás canta tambem:

"Maneto do Congo
quero brinca;
cheguei agora
de Portugá."

E como nos Misterios francezes, como nos a Anchieta, como nas magicas e nas peças sacras apresentadas no começo deste seculo, surge a imma mal. Não é o Belzebú de pés de pato e chavelhos dos mas é um caboco de olhar tragico que racha a do *maneto* com seu terrivel tacape de cacique.

Cabe o filho do rei, agonizante, enquanto o baila endemoniadamente e o côro lamenta:

"Mala quilombá, ó quilombé?"

Sabe o rei do acontecido e dança um bailado Veni, a seu chamado, o *quimboto* (feticheiro) e te cumbencia de resuscitar o *maneto*. E' impresso principalmente quando canta em volta ao pequeno daver:

"E' mamão. E' mamão
ganga rumbá, seisecê iacô
E' mamão. E' mamão.
Zumbi, zumbi, oia zumbi,
oia maneto no chicongo
oia papeto."

E logo o côro:

"Quamboto, quamboto,
savotá ó lingua.
— Quem pode mais?
E' o só. E' a lua.
Santa Maria
São Benedicto."

Após outros versos do quimboto e do côro, dá fim o misterio da resurreição do *maneto* que bai

ri, mais travesso que nunca juntamente com os corpos de cõro e de baile.

O cacique ergue de novo o tacape mas o feiticeiro, num passo de chula, lança sobre elle tão ardente olhar que o caboclo haqueta magnetisado. Verdadeiro lance de carpintaria theatral dos dramas de capa e espada.

A chronica não falla nas chamadas á scena dos artistas e do autor mas falla no desfecho: a mais linda princesa da Congada vae casar com o quimboto vencedor. E' a recompensa. E' o casamento. E' como ainda finda hoje a maioria de nossas peças de theatro.

O manneto recolhe ao manto de belbute da rainha mãe enquanto a joven princesa — a doce ingenua — e o galã quimboto dansam. Quadro final.

O velario não fecha mas o throno é levantado e o cortejo vae representar em outra parte.

As *Congadas*, conforme a descripção de Luiz Edmundo, têm ou não a forma dos autos de Hespanha e Portugal? São ou não uma antecedencia ao genero hoje tão apreciado da opereta?

Parece, porém, que já se não representam mais quimbotes e quilombos, taeiras, congos e congadas.

O que nos resta ainda hoje dos autos introduzidos pelos negros no Brasil, o que resiste a todos os tempos é o *Bumba-meu-boi*, sob diversas variantes conforme a região onde é representado.

Será esse, entretanto, de origem africana? Seria creado no Brasil? Pode ser considerado como feito pelos negros?

Li, ha annos, na revista *Kosmos* que se publicava no Rio de Janeiro, um artigo do mestre Arthur de Azevedo sobre o assumpto. Sinto não ter guardado a revista mas um amigo a quem escrevi a respeito foi á Bibliotheca Nacional e copiou de *Kosmos* as palavras do notavel theatrologo maranhense:

“Seria muito difficil estabelecer definitivamente a verdadeira origem da festa popular conhecida pela denominação de *Bumba-meu-boi*. Pode ser que entrasse o elemento portuguez com uma ligeira reminiscencia de velhos autos e das velhas chacaras em que a figura do queiro foi muito explorada, e o elemento africano com seus descantes barbaros a que não falta, entretanto, admiravel intuição musical. E' mesmo provavel que *Bumba-meu-boi*, na forma primitiva, fosse um auto composto com todas as regras do genero, por algum poeta do povo que hoje seria um fazedor de peças de theatro; vez houvesse alli o proposito de satyrisar um costume mesmo um facto que não sabemos, que não podemos qual seja”.

Depois de outras considerações, afastando-se das gens, volta Arthur de Azevedo ao assumpto:

“Pode ser tambem que esse folguedo tivesse a principio um caracter religioso. Sabe-se que até o cathismo penetrar o occidente, o boi era alli sagrado mascara do *boeuf-gras*, restabelecida em França por naparte, teve essa origem; até o seculo XVIII o boi seu passeio annual pelas ruas de Paris, coroado de velas, e o cortejo ia cantar e dansar ás portas dos cidos mais importantes tal qual o rancho dos Reis. O *Bumba-boi* e o *Boeuf-gras* não terão, pois, a mesma origem. Arthur de Azevedo considera, portanto, o *Bumba-boi* um auto popular que recebeu entre nós os elementos portuguez e africano mas quer repontar a sua origem nos bois sagrados do pre-christianismo ou no *boeuf-gras* das ruas de Paris. Parece que, na primeira hypothese pelo menos, é ir muito longe.

Guilherme T. P. de Mello, n' *A Musica no Eudo* afirma-o de origem portugueza, sendo uma variancia do *Monologo do vaqueiro* que Gil Vicente represento

mas ou as escravas do eito que cantam as cantigas nostalgicas da patria nunca esquecida; o capitão do matto, a figura conhecida do perseguidor de escravos fugidos, a negra da garrafa, o negro velho, o mestre Domingos, negro tambem que vae á festa em trajos endomingados; tudo isto não é muito typico da escravatura? E outras figuras puramente brasileiras: o caboclinho, a caiçora, o cabodo do ar...

Começa o auto. E' no terreiro de uma casa cujos donos são louvados de quando em quando. Estão em scena Bastião e Mathens, este com a sua pelle de bexiga de boi, cheia de ar, a bater em toda gente. E' o baixo comico de nossas farças theatraes, como aquelle que acaba com fachos de fogo as pantominas dos circos de cavallinho e os que fecham actos de algumas chanchadas ainda hoje representadas no palco.

O côro das cantadeiras, sentadas num banco, canta a "chamada" ao som do ganzá e do zabumba:

*"Lá vem Mathens, lá vem Bastião,
vendendo as camadas a tostão..."*

*Mathens, estrella d'atra,
Bastião, luz do dia."*

Entram o "cavallo marinho" — outro arcabouço como o do boi descripto linhas atraz — e que é montado pelo capitão. Montado é um modo de dizer porque é o mesmo individuo que leva consigo a armação do cavallo sendo os pés deste os proprios pés.

Canta o capitão a sua loa:

*"Lá em cima daquella serra
canta duas patativa.
Quero ver elogiar
o dono da casa. Viva!*

NOVOS ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

*Si eu pegasse o dono da casa
fazia delle um diamante
trazia elle collocado
dentro de um carro triumphante."*

E as cantadeiras:

*"Cavallo marinho
chega pra dicente
faz uma mesura
para toda gente.*

*Cavallo marinho
dansa na carçada
qui a dona da casa
tem gallinha assada.*

*Cavallo marinho
já são hora já
faz uma vortinha
vae pra teu logá."*

Entram o Valentão e o Queixoso. Canta aq

*"Naquella excellente noite
aquella noite resplandecente
nasceu Jesus na Gloria,
Jesus Christo é um potente."*

Essa reminiscencia dos autos religiosos é peq
por uma loa profana do Queixoso:

*"Sem barullo von entrando
como um pobre desaido,
ha mais de quatorze annos*

*que me vejo afrontado.
Estava em casa deitado
por volta de meio dia
chegou o malvado de um home
roubou-me a muie e a fia...*

Prevê-se uma lucta entre o Valentão e o Queixoso sendo despartada pelo capitão do cavallo marinho. E vêm outras figuras todas chamadas pelas cantadeiras: Mestre Diá, a Caipora, o Babau (que traz uma caveira de cavallo afixada á cara, talvez uma superstição de que o cavallo tem alma — o zumbi de cavallo); a Ema, a burrinha Calu (uma armação similhante ás do boi e do cavallo marinho), o Sapo, o Morto carregando o Vivo, a Cobra Verde, o Diabo — uma mistura de bichos que fallam e cantam e animaes symbolicos sem faltar mestre Belzebú, figura importante dos antigos autos.

Chamam as cantadeiras a entrada de cada um. Vão aqui alguns versos:

Com o Babau:

*"Abre o olho, Mathens,
que o bicho te come,
o bicho é marrado
com perna de home."*

Com a Ema:

*"Olha o passo da ema, ei lô
lá no meu sertão,
todo "passo" azôa
só a ema não."*

Com o Sapo:

*"Sapo cururu
da beira do rio,
quando o sapo canta
cururu tem frio."*

Com a burrinha Calu:

*"A burra, Mané das Batatas,
te vem vê
um bom garrote para vendê."*

Com o Morto carregando o vivo, que é tambem arnação interessante e complicada, difficil de descrever

*"Minha gente venham vê
minha gente venham cá.
O morto carregando o vivo
ninguem pode ducidá..."*

Entra um Padre para confessar o Morto e sua lóa:

*"Olô, bellas morenas
de Gurjati
aguardante de cana
mel de urucu...
As velhas daqui
são de pé de urubu.
Olô, bellas morenas
etc. e tá
acabou-se a aguardante
eu vim me acabá."*

Nisto o Diabo sopra fogo em cima dos do Padre sahe com o Morto carregando o Vivo.

O auto prossegue toda a noite até o amanhecer; enfadonho seria descrever todas as scenas, lóas e chamadas mas ainda pôde haver um cantinho para dar o auto por findo.

Entram mais de quarenta figuras depois das já referidas e, entre ellas, o Perra de Pau, que é um sujeito trepado em grandes pernas de pau; o Caboclinho, o Caboclo do ar, e essas que mostram a influencia dos magicos e charlatães dos circos e feiras: o Homem que se deita sobre vidros quebrados, o que deixa quebrar uma grande pedra sobre os peitos, o que toma banho com fogo, etc.

Vem d. Joanna, que é um homem vestido de mulher, vem a Zabelinha:

*"Zabelinha come, come,
come tudo que lhe dão,
come pão, come farinha,
Zabelinha, zabelão..."*

Ha o Barbeiro, o Dentista, o Fiscal, que são criticas; os Dois Duros, o Empata samba, o Romeiro, o Fumeiro, o Capitão de campo — figura odiada do tempo da escravidão — a Negra da garrafa, o Villa Nova, o Negro velho, o Mestre Domingos...

*"Mestre Domingos
você pra onde vem?"*

*— Venho da rua
vou pra casa de meu bem.*

*— Mestre Domingos
cadê sua miuiê?
— Está na beira do fogo
torrando café.*

*— Mestre Domingos
ladrao de cebola...
— Estou namorando
com aquellas creoula."*

Mestre Domingos é o negro pachola que deixa a lher em casa e vae fazer farra com os homens brancos. O Perna de Pau canta lóas de um lirismo encantado

*"Cordia de ouro é bonito
no pescoco da donzella,
mais bonito é o capitulo
deitado no colo della.*

*Gallo branco quando canta
no terreiro de seu dono,
moça quando quer fugir
cochila mas não tem sono."*

E esta satyra que mostra a sua feitura moderna citada somente para indicar o espirito ironico de n povo:

*"Patativa quando canta
na testa forma um penacho.
Home que raspa o bigode
se arrependeu de ser macho."*

Canta o Caboclinho:

*"O cabôco cortava o pau
cacuco de pau zunia
o pau tinha resmungado
que ninguem comprehendia.*

*Esse pau tinha casa de abelha
de outro lado uma casa de aripudá,
esse era o resmungado
que o pau queria faldá.*

*E' quando chega a caboclinha
fazendo seu serviço cruel,
corta o pau, arranca o tóco,
queima a abelha e tira o mel".*

Durante a entrada dessas figuras e de suas cenas é que Mathews deita as "sortes" a mandado do capitão:

- O' Mathews!...
- Sinhô, meu anno?
- Sabe para quem vae essa sorte?
- Diga, meu anno, que serrei sabedô.
- E' para aquelle moço que está de branco, ou é para seu Fulano, e seu Beltrano.

Mathews com um lenço enfiado na ponta de um pau estende-o ao escolhido da "sorte" e este deposita no lenço qualquer importancia em dinheiro.

- O' Mathews, Bastião,
- Sinhô meu anno?
- Vamos elogiar a sorte de seu Fulano...

O epilogo do auto, lá para depois de meia noite, é com a entrada do Boi Espacio. Entra o Boi, faz as suas mesuras, dança, investe contra toda gente mas é, por fim, ferrado pelo Caboco, e morre.

*"O meu boi morreu...
Que será de mim?
Manda buscar outro, ô meninha,
lá no Piauhy..."*

Todas as figuras formam em roda do Boi e cantam num grande côro final, um concertante de opereta:

*"Marche, marche, meus soldados,
afères e capitão,
tenente, porta bandeira,
em frente seu batalhão.*

*Minha senhora me accuda
qui meu anno qué me dá
por causa do Boi Espacio
qui morreu lá no curriá.*

*Bravo da roda grande
ô lolô,
bravo quem deu a sorte
curriô*

*Bravo das cantadeira
ô lolô
bravo quem deu a sorte
curriô*

*bravo do Mathews
ô lolô
bravo quem deu a sorte
curriô..."*

E assim vão cantando e louvando todas as figuras que o Doutor (os doutores de mão furada são chamados "doutor do boi") applica um cristal no Boi e as deiras cantam:

"De rio abaixo sobe uma canôa
com uma moça dentro
ó que coisa bôa...
*Levanta, boi, vamos nos embora
que é de manhãzinha, vem rompendo a aurora.*"

De facto, o sol já se prepara para espiar como vae a Terra, o Boi curado pelo Doutor levanta-se e o pessoal todo se retira para voltar na semana seguinte.

Os espectadores tambem se retiraram commentando as scenas melhores e os melhores interpretes do *Bumba-meu-boi*, como se faz á sahida dos theatros.

Ha muitos annos passados assisti um *Bumba-meu-boi* no pateo da matriz de Jaboatão e, em dado momento um matuto enthusiasnado com o Homem que quebrava a pedra nos peitos, voltou-se para mim, exclamando:

"Isto é que é um artista!"

Si a critica dos jornaes fallassem sobre o *Bumba-meu-boi*, quantos artistas de theatro, canastrões de marca, não ficariam eclipsados....

Mas tambem appareceria cada critico....

E' melhor deixar assim mesmo o *Bumba-meu-boi*: sem a critica dos entendidos....

Bastam-lhe a sinceridade e a ingenuidade, sempre doces e sempre commoventes, dos seus interpretes e dos seus admiradores.

CONCLUSÕES

— Os negros, no Brasil, fizeram theatro á semelhança dos autos portuguezes do seculo XVI e dos francezes na Idade Media, nas festas de Natal a Reis;

— Desses autos, alguns são de origem puramente africana como o das *Congadas*;

— O auto do *Bumba-meu-boi* si não é original é, pelo menos, uma adaptação com muitas figuras do tempo dos escravos.

DEFORMAÇÕES DE CORPO DOS NEGROS FUGIDOS

GILBERTO FREYRE

Nos annuncios de negros fugidos, de que cheios os jornaes do tempo do Imperio, encontro muito signal de deformação de corpo do homem e do menino escravo. Deformação por cesso de trabalho, por doença, por tatuagem, por doenças anti-hygienicas de vida e talvez de alimentação certas senzalas. Tambem cicatrizes de açoite e de quente.

Salientaremos aqui algumas das deformações de corpo que occorrem com mais frequencia, e de mais impressionante, nos annuncios de negros fugidos tambem nos de escravos á venda, dos quaes nos temos em conferencia lida na *Societade Felippe d'Ornos*.

São numerosos os casos de negros "rendidos" e "brados"; de pretos com "veias estouradas" ou com no corpo; os de escravos de andar cambado ou bairros os de negros fugidos com mascara ou mordacandres na bocca. A's vezes mascaras ou mordacandres com cadeado. Essas mordacandas seriam metatigo que medida prophylatica: contra o chamado comer terra. As mascaras se usavam — informa tigo nos *Annaes Brasilienses de Medicina* o medico Lobo — contra a voracidade por toda a especie de até as verdes, dos escravos soffrendo de ophthalmia denominada de *brasilliana*. Doença que seria causada má alimentação em certas fazendas do Imperio.

Nesse medico Gama Lobo, seja dito de passagem surpreende, quasi assombra, a intuição poderosa.